

CAPÍTULO 7

PROCESSOS DE CONCEPTUALIZAÇÃO EM SUJEITOS SURDOS: COGNIÇÃO, CORPORIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS EM LIBRAS

 <https://doi.org/10.68044/7stpet85>

Marcia Francisca Diogo Rodrigues ¹

Mestranda em Educação pela Universidade de Brasília (UnB)



RESUMO: Este artigo analisa os processos de conceptualização em sujeitos surdos, com ênfase nas relações entre cognição, corporificação, experiência visual e construção de sentidos em Libras. Trata-se de estudo bibliográfico, de abordagem qualitativa, fundamentado em pesquisas sobre Linguística Cognitiva, metáfora e metonímia conceptuais, esquemas imagéticos, iconicidade, formação de conceitos e práticas bilíngues. A análise evidencia que os significados não são entidades fixas, mas construções cognitivas e socioculturais produzidas na interação entre corpo, linguagem, contexto e experiência. Na Libras, a modalidade visuoespacial amplia a participação do corpo e do espaço na organização conceptual, favorecendo relações entre forma e significado sem eliminar a convencionalidade linguística. Os estudos examinados também mostram que metáforas, metonímias, esquemas imagéticos e processos icônicos participam da compreensão de conceitos concretos e abstratos. Conclui-se que a conceptualização de sujeitos surdos deve ser compreendida como processo dinâmico, corporificado, visual, cultural, discursivo e linguisticamente mediado pela Libras, em diferentes situações de interação.

Palavras-chave: Conceptualização; Libras; Cognição; Corporificação.

INTRODUÇÃO

A discussão acerca dos processos de conceptualização em sujeitos surdos exige compreender a linguagem para além de um sistema de formas que simplesmente nomeia uma realidade previamente dada. Nas pesquisas reunidas para este estudo, o significado é tratado como resultado de operações cognitivas, experiências corporais, práticas culturais e situações de interação. Essa perspectiva é particularmente produtiva para a análise da Língua Brasileira de Sinais (Libras), cuja modalidade visuoespacial mobiliza corpo, mãos, expressões não manuais, orientação, movimento e espaço na produção linguística. Em vez de considerar tais recursos como elementos periféricos, a Linguística Cognitiva permite examiná-los como dimensões constitutivas da organização conceptual e da construção de sentidos (Santos, 2017, p. 420-423; Sessa; Bernardo, 2022, p. 184-186).

O problema que orienta este artigo pode ser formulado da seguinte maneira: de que modo a cognição corporificada, a experiência visual e os mecanismos linguístico-cognitivos da Libras participam da conceptualização e da construção de sentidos de sujeitos surdos? A pergunta não pressupõe a existência de uma cognição homogênea ou exclusiva das pessoas surdas. Ao contrário, parte da compreensão de que a experiência linguística é situada e de que as formas de conceptualizar são atravessadas pelo corpo, pelo contexto, pela

cultura, pelo conhecimento acumulado e pelas práticas discursivas. Sessa e Bernardo (2022, p. 185) destacam, nesse sentido, que os contextos corporal, situacional, conceptual-cognitivo e discursivo interferem na conceptualização, o que impede tratá-la como simples correspondência entre sinal e referente.

A centralidade da Libras nesse debate decorre de sua condição de língua natural e de sua organização visuoespacial. Nunes (2018, p. 153-154) observa que o polo fonológico de um sinal está relacionado à sua realização visual, enquanto o polo semântico se vincula ao modo como o significado é conceptualizado. Isso significa que a produção de um sinal envolve uma unidade simbólica na qual forma e conteúdo mantêm relações motivadas em diferentes graus, mas nunca se reduzem a uma cópia do mundo. O estudo da conceptualização, portanto, permite investigar como os usuários da Libras selecionam perspectivas, estruturam domínios, acionam esquemas imagéticos, organizam metáforas e metonímias e negociam sentidos em contextos concretos de uso.

A relevância da temática também se evidencia quando a construção de conceitos abstratos é considerada. Nunes (2018, p. 155-160), ao analisar o ensino de metáforas a estudantes surdos, mostra que relações entre domínios concretos e abstratos podem ser explicitadas por estratégias visuais e linguísticas, favorecendo a compreensão metalinguística. Souza (2018, p. 225-228), em uma

perspectiva dialógica e socio-histórica, demonstra que a formação de conceitos por estudantes surdos se fortalece quando o processo pedagógico parte de problemas, experiências, conhecimentos prévios e negociação coletiva de sentidos. Embora esses estudos adotem referenciais distintos, ambos convergem na recusa de uma concepção de significado como conteúdo pronto a ser transferido ao aprendiz.

O objetivo geral deste artigo é analisar, a partir da produção bibliográfica selecionada, os processos de conceptualização em sujeitos surdos, enfatizando as relações entre cognição, corporificação e construção de sentidos em Libras. Como objetivos específicos, pretende-se: discutir a conceptualização na perspectiva da Linguística Cognitiva; examinar o papel da experiência corporal e visual na formação de esquemas imagéticos; compreender a participação de metáforas, metonímias e iconicidade na organização do significado; e relacionar esses processos à formação de conceitos, à ampliação lexical e às práticas bilíngues de produção de sentidos.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter interpretativo. O corpus teórico é constituído pelos doze textos disponibilizados para a elaboração deste artigo, publicados entre 2016 e 2023 e dedicados, sob diferentes recortes, à conceptualização, à Linguística Cognitiva, à iconicidade, à formação de conceitos, à expansão lexical, aos esquemas imagéticos, à escrita de surdos e a processos fonológicos da Libras. A análise foi

organizada por eixos temáticos, procurando preservar os conceitos e resultados efetivamente apresentados pelas fontes. Assim, o artigo não pretende produzir generalizações psicológicas sobre todas as pessoas surdas, mas sistematizar contribuições linguísticas e educacionais para compreender a construção de sentidos em experiências mediadas pela Libras.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conceptualização, cognição e construção de significado

Na Linguística Cognitiva, a conceptualização ocupa posição central porque o significado não é entendido como uma propriedade autônoma das palavras ou sinais. Santos (2017, p. 420) afirma que, na Semântica Cognitiva, “o significado está vinculado à representação mental e é o resultado de nossas conceitualizações”. A afirmação desloca a análise de uma relação direta entre expressão linguística e realidade externa para uma relação mediada pela cognição. Uma unidade simbólica pode assumir sentidos distintos conforme o contexto, porque o uso linguístico oferece instruções para que os interlocutores construam interpretações, mobilizando conhecimentos e experiências disponíveis.

Esse deslocamento é decisivo para o estudo da Libras. Se o significado é construído conceptualmente, não é suficiente classificar sinais como transparentes ou opacos com base em sua aparência

visual. É necessário perguntar quais experiências são ativadas, quais domínios são relacionados e quais perspectivas orientam a interpretação. Santos (2017, p. 420-421) mostra que sinais ligados a emoções e sentimentos podem reunir, em sua organização, razão, imaginação, metáfora, iconicidade e experiências corpóreo-culturais da comunidade surda. A conceptualização, nessa abordagem, é uma atividade mental situada em práticas de vida e não uma operação abstrata isolada do corpo e da cultura.

Conceitualizar é gerar conceitos, unidades mentais estruturantes do conhecimento. Logo, a conceitualização é um fenômeno mental, mas baseada em nossas experiências corporais (percepção, toque, visão, sabores etc.), culturais (negociações entre os sujeitos de uma mesma cultura) e subjetivas. Obviamente, não existe máquina capaz de observar os conceitos, mas muito da linguagem humana revela seus aspectos e abstrações. Por exemplo, nossa prática inconsciente de usar metáforas no dia a dia mostra como nosso processamento cognitivo une razão à imaginação, além de demonstrar que muitos conceitos estão ligados a experiências corporais e culturais (Santos, 2017, p. 421).

Sessa e Bernardo (2022, p. 184-185) ampliam essa discussão ao tratar a Linguística Cognitiva como um arcabouço experiencialista. As autoras apontam que a natureza orgânica influencia a experiência de mundo refletida no uso da língua e que as experiências corpóreas participam da formação da gramática e dos sentidos. Entretanto, deixam claro que o corpo não explica sozinho a conceptualização:

experiências cotidianas, discursos, interações e conhecimentos acumulados também moldam o processo. Tal formulação é importante para evitar interpretações biologizantes da surdez ou da visualidade. O corpo é condição e recurso de experiência, mas a conceptualização é igualmente histórica, social e discursiva.

Nessa perspectiva, a língua é uma forma de perspectivar a experiência. Sessa e Bernardo (2022, p. 185) assinalam que os usos linguísticos revelam modos de constituição do pensamento em ambientes sociais e que a interpretação metafórica depende de bases compartilhadas entre interlocutores. A produção de sentido, assim, pressupõe mais do que reconhecer a forma de um sinal: envolve selecionar um enquadre, ativar conhecimento contextual e coordenar expectativas. Isso ajuda a compreender por que um mesmo sinal pode ter leituras distintas em diferentes situações e por que a iconicidade não elimina a necessidade de conhecimento linguístico e cultural.

Assim, o uso das línguas revela a constituição do pensamento dos indivíduos em um ambiente social, a partir de suas experiências, sejam intrínsecas ou extrínsecas, de base corporal ou social. Todas fazem parte do processo conceptual. A própria criação de significado metafórico, por exemplo, depende de encontrar o contexto ideal em que o uso de uma metáfora particular possa ser interpretado corretamente. Isso porque uma metáfora pode fazer sentido em determinado contexto e não em outro, necessitando de uma base compartilhada entre o emissor e o receptor da mensagem para que tenham êxito na comunicação (Sessa; Bernardo, 2022, p. 185).

A conceptualização é, portanto, processo e não produto estático. Carneiro (2016, p. 106-107), apoiando-se em uma abordagem cognitiva, descreve a concepção como atividade que integra noções já estabilizadas e novas experiências motoras, sensoriais, emotivas, físicas, linguísticas, sociais e culturais. Ao retomar a formulação de Langacker, o autor reforça que a atividade conceptual ultrapassa o caráter estritamente interno: “a conceitualização deveria ser vista como um meio primordial de envolver o mundo” (Langacker, 2008 *apud* Carneiro, 2016, p. 107). A citação de citação é particularmente elucidativa porque posiciona a mente como participante de uma relação contínua entre sujeito, ambiente e interlocutor.

Corporificação, experiência visual e esquemas imagéticos

A noção de corporificação indica que processos cognitivos e linguísticos se apoiam nas condições sensório-motoras da experiência. Em Sessa e Bernardo (2022, p. 184), corpo, experiência, cognição e realidade aparecem articulados: os sentidos são construídos a partir de uma ancoragem corporal que participa da maneira como os indivíduos percebem e concebem o mundo. Para a Libras, essa discussão possui particular interesse, pois o corpo não é apenas suporte fisiológico da linguagem; ele também integra o espaço de sinalização, estabelece pontos de articulação, orienta movimentos e participa de expressões

não manuais que podem contribuir para diferenciações e construções de sentido.

Nunes (2018, p. 153-154) apresenta essa relação ao distinguir polo fonológico e polo semântico nos sinais. A produção física e visual integra o polo fonológico, enquanto a conceptualização do significado se relaciona ao polo semântico. Configuração de mão, ponto de articulação, movimento, orientação e expressões não manuais compõem recursos cuja organização pode contribuir para a forma simbólica da língua. A autora usa essa base para mostrar que a visualidade não se resume a uma ilustração externa ao conteúdo: ela pode operar como componente da própria estrutura linguística e servir de apoio para a compreensão de conceitos e metáforas.

Os esquemas imagéticos constituem uma ponte entre a experiência corporal recorrente e estruturas conceituais mais gerais. Santos (2017, p. 422-423) descreve experiências elementares de orientação, deslocamento, aproximação, distância, interioridade e exterioridade como padrões que, pela repetição, formam estruturas esquemáticas. Tais estruturas não são imagens mentais detalhadas; organizam representações em nível mais abstrato e podem sustentar conceitos complexos. Em consequência, relações como DENTRO/FORA, CIMA/BAIXO, FRENTE/TRÁS, CAMINHO, CONTÊINER e ESCALA tornam-se recursos para estruturar diferentes domínios.

Carneiro (2016, p. 107-109) também enfatiza que os esquemas de imagem são produzidos a partir da percepção, dos movimentos corporais e da manipulação de objetos. O autor destaca a força dos esquemas visuais e mostra, por exemplo, como experiências perceptuais de crescimento de nível ou empilhamento contribuem para a associação entre aumento e orientação para cima. A importância do exemplo não reside em defender uma correspondência universal rígida, mas em demonstrar como padrões sensório-motores podem fornecer material para a organização conceptual e para extensões metafóricas em contextos diversos.

O entendimento do mundo, a geração de conhecimento sobre a realidade e a construção de significado envolvem facetas imaginativas estruturadas a partir de ações cognitivas, dependentes de nossa experiência corporal cotidiana. Assim, o corpo do falante é primordial na geração de noções fundamentais de entendimento. O fenômeno da concepção e questões como categorização, polissemia e metáfora passam a ter uma origem corporificada, dependente de nossa capacidade perceptual e motora. A concepção do mundo, dessa forma, realiza-se por meio de um processo dinâmico, interativo, imagético e imaginativo; sua apreensão envolve um procedimento cognitivo amplo que remete à nossa experiência corporal (Carneiro, 2016, p. 109).

Florêncio e Milani (2022, p. 20-28) oferecem outra contribuição ao aproximar os esquemas imagéticos da análise semiótica do plano de expressão da Libras. Ao examinar o esquema

CONTÊINER em texto sinalizado, os autores mostram que padrões corporificados podem participar de estratégias de textualização e de metáforas como DENTRO É BOM e FORA É RUIM. A análise reforça que o espaço e os movimentos do corpo podem articular expressão e conteúdo em níveis complexos, inclusive poéticos, contrariando qualquer visão que restrinja as línguas de sinais à nomeação concreta ou à mímica.

Nunes (2019, p. 30-37), por sua vez, investiga como o parâmetro orientação participa de processos metafóricos fundamentados em esquemas imagéticos. Entre os exemplos analisados, aparecem relações como TEMPO É CICLO, BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO. A contribuição do estudo é mostrar que uma categoria fonológica pode ser examinada também em sua interface com operações conceituais, sem confundir os níveis. A orientação da mão é parte da forma linguística; os esquemas e metáforas são estruturas de conceptualização que podem motivar relações entre forma e significado.

Metáfora e metonímia conceituais na Libras

A metáfora conceptual constitui um dos mecanismos mais produtivos para compreender como conceitos abstratos podem ser organizados a partir de domínios mais acessíveis à experiência. Santos (2017, p. 421-422) explica que estruturas de conhecimento mais

concretas podem fornecer base para domínios abstratos por meio de mapeamentos conceituais. Nessa concepção, metáfora não é apenas ornamentação retórica: é uma operação de compreensão. A expressão linguística torna visível uma relação conceptual subjacente, e sua interpretação depende tanto de padrões experienciais quanto de conhecimentos compartilhados.

Nunes (2018, p. 155-160) aplica essa perspectiva a situações de ensino envolvendo estudantes surdos. No trabalho com a poesia “O Bicho”, de Manuel Bandeira, a autora relata que classificadores, disposição espacial e diagramas visuais foram mobilizados para explicitar a aproximação entre os domínios HOMEM e BICHO. A compreensão da metáfora ocorreu pela articulação entre recursos da Libras e comparação de características, permitindo que os estudantes reconhecessem a extensão de um significado inicialmente associado apenas a animal. O estudo mostra que a conceptualização metafórica pode ser ensinada de modo a partir da própria língua e das estratégias visuais dos estudantes.

Nunes (2019, p. 30-36) amplia o foco do ensino para a própria estrutura dos sinais. Ao analisar orientação e esquemas imagéticos, a autora mostra que metáforas de verticalidade e temporalidade podem aparecer associadas à realização fonológica dos sinais. Esse ponto é particularmente importante para o presente estudo: a metáfora conceptual não está limitada às palavras escritas ou faladas. Em uma

língua visuoespacial, projeções entre domínios podem ser expressas por configurações, movimentos, orientações e localizações, de modo que a materialidade visual participa da instanciação linguística de operações conceituais.

No estudo dos sinais relacionados ao tempo, Sessa e Bernardo (2022, p. 183-198) identificam metáforas como PASSADO É PARA TRÁS, FUTURO É PARA FRENTE, PRESENTE É LOCUS e VIDA É JORNADA. A análise histórica de diferentes instrumentos linguísticos mostra que formas de realização dos sinais podem mudar enquanto certas motivações conceituais permanecem. Por exemplo, a direção para trás na expressão de PASSADO e a direção para frente em FUTURO evidenciam a participação do corpo como ponto de referência na organização espacial do tempo. A estabilidade das metáforas não significa imutabilidade lexical; revela recorrência de um modo de conceptualizar.

A metonímia conceptual, por sua vez, permite compreender relações em que uma entidade fornece acesso mental a outra dentro de uma proximidade conceptual. Sessa e Bernardo (2021, p. 184-197), ao estudar sinais adjetivos de emoção, identificam projeções em que expressões não manuais, intensidade ou direção de movimento, contato e contenção participam da construção do sentido. As autoras relacionam esses processos a esquemas imagéticos, frames, domínios

e espaços mentais, demonstrando que a organização semântica dos sinais pode envolver múltiplos níveis conceptuais articulados.

Nunes e Bernardo (2018, p. 113-122) também analisam metáforas e metonímias em sinais religiosos. O estudo evidencia que práticas culturais, objetos, líderes, lugares e letras iniciais podem motivar formas de sinalização. Nesse contexto, a construção de significado requer compreender a realidade cultural em que o sinal é produzido. A observação é decisiva para afastar uma interpretação puramente perceptiva da iconicidade: sinais podem ser motivados por relações historicamente compartilhadas, e sua transparência depende do conhecimento cultural do usuário.

Iconicidade cognitiva, forma e significado

Jeremias (2018, p. 39-56) desloca a discussão da iconicidade lexical para a organização de sentenças transitivas. Em sua análise, a proximidade formal entre participantes de uma ação e o predador pode refletir proximidade conceptual. A autora afirma que “a transitividade vai além de uma construção formal, ela é de natureza conceptual” (Jeremias, 2018, p. 40). A formulação amplia o alcance da iconicidade: ela pode emergir de relações estruturais na gramática, e não somente de sinais isolados que parecem representar visualmente objetos.

A contribuição de Jeremias (2018, p. 56) também evidencia a relação entre iconicidade e arbitrariedade. As sentenças podem apresentar maior ou menor aproximação entre os elementos, dependendo da organização discursiva e do foco do falante. Isso significa que iconicidade e arbitrariedade não precisam ser tratadas como categorias absolutas e excludentes. Uma forma linguística pode apresentar motivações em determinado nível e convenções em outro. Essa gradação é compatível com a perspectiva cognitiva segundo a qual a língua reflete processos de organização conceptual, atenção e perspectivização.

Sessa e Bernardo (2021, p. 185-197) denominam de iconicidade cognitiva a relação motivada entre polos fonológico e semântico mediada por processos conceptuais. Nos sinais adjetivos analisados, as expressões não manuais e os pontos de articulação podem reduzir a distância conceptual entre forma e sentido de emoção. O corpo funciona, em certos casos, como espaço conceptual de sinalização. A iconicidade, portanto, não é uma fotografia do referente, mas um efeito de aproximação entre formas visuais e estruturas de conhecimento ativadas pelos usuários.

Carneiro (2016, p. 109-117) apresenta resultado convergente ao examinar a ampliação lexical da Libras em uma comunidade surda de Araguaína. De 31 sinais analisados, 18 apresentaram características do referente em seus parâmetros formacionais, com motivações

relacionadas a construções, logotipos e outros elementos visuais. O dado mostra a relevância do input visual, mas também o caráter seletivo e convencional da criação lexical: a comunidade observa possibilidades, propõe formas e valida determinados sinais. O referente não determina mecanicamente a forma; a experiência visual é recortada e socialmente organizada.

Costa (2023, p. 88-106) acrescenta evidências da produtividade icônica ao discutir configurações de mãos criadas para atender demandas icônico-lexicais. O autor mostra que a Libras possui inventário fonológico e que novas configurações podem ser usadas em itens lexicais específicos para representar aspectos visualmente relevantes. Ao mesmo tempo, ressalta que configurações de mãos não constituem código universal e podem variar entre línguas de sinais. Tal observação reafirma que iconicidade e convenção coexistem: mesmo quando a forma apresenta motivação visual, sua integração ao sistema depende da história e das escolhas da comunidade linguística.

Formação de conceitos, interação e sujeitos surdos

A formação de conceitos constitui um ponto de encontro entre os estudos linguístico-cognitivos e as pesquisas educacionais examinadas. Enquanto a Linguística Cognitiva descreve estruturas e operações de conceptualização, Souza (2018, p. 217-229) analisa situações pedagógicas em que estudantes surdos constroem e

negociam conceitos em atividades de leitura e escrita. A autora trabalha em perspectiva dialógica, valorizando conhecimentos prévios, interação e problemas concretos como motores da elaboração conceptual.

Um dos episódios descritos por Souza (2018, p. 225-228) parte das palavras seca e molhado. O significado inicialmente associado a uma realidade física é progressivamente explorado em enunciados metafóricos, como “mente seca”. Os estudantes mobilizam ideias de inteligência, conhecimento, informação, vida e ausência de ideias para construir novas relações de sentido. O percurso mostra que a compreensão de um conceito não resulta da memorização de uma equivalência lexical; ela se desenvolve por problematização, comparação, negociação e uso em contextos diferentes.

Um dos pontos mais relevantes do funcionamento do Laboratório de Aprendizagem Avançada e que tem contribuído para a evolução de todos é que somos APRENDENTES, o sentido dessa palavra de tamanha dimensão num processo de descobertas, questionamentos, reconhecimentos e experiências tem nos fornecido suporte para que possamos aprender e apreender conhecimentos, numa perspectiva coletiva, de valorização do conhecimento prévio e letramentos de cada estudante. Desse modo, salientamos que a análise do gênero charge e das palavras seca e molhado nos faz reafirmar o quanto é possível o estudante surdo assimilar a aquisição dos conceitos, de forma reflexiva, num processo coletivo em que cada um externaliza suas experiências e conhecimentos, consolidando assim na

clareza dos conceitos em diversos contextos (Souza, 2018, p. 228).

A conceptualização, em contexto educativo, é inseparável da posição ativa do sujeito. O estudante não apenas recebe definições; ele externaliza experiências, confronta hipóteses e reorganiza conhecimentos. Esse processo dialoga com a concepção cognitiva de significado como construção. Embora as bases teóricas de Souza (2018) incluam perspectivas socio-históricas e dialógicas distintas da Linguística Cognitiva, a aproximação entre os trabalhos é produtiva no nível analítico: ambos recusam a ideia de que conceitos sejam unidades acabadas transmitidas diretamente de uma mente a outra.

O estudo de Nunes (2018, p. 157-160) reforça essa conclusão em outro contexto. Na análise da metáfora *HOMEM-BICHO*, os estudantes precisaram articular ações, classificadores, características de animais e comportamento humano para construir o sentido do poema. O recurso visual não funcionou como simplificação do conteúdo, mas como meio de explicitar relações conceituais complexas. A passagem de um domínio concreto para uma leitura metafórica demonstra que a abstração pode ser favorecida quando o ensino reconhece a organização da Libras e oferece condições para que o estudante compare, projete e recategorize sentidos.

Além disso, o conceito emerge em situações concretas de interação. Sessa e Bernardo (2022, p. 185) lembram que o contexto

discursivo e o conhecimento compartilhado interferem na interpretação. Souza (2018, p. 228) mostra que a negociação coletiva amplia a clareza conceptual. Juntas, essas contribuições indicam que a conceptualização em sujeitos surdos precisa ser estudada em práticas sociais efetivas, considerando interlocutores, objetivos comunicativos, repertórios linguísticos e condições de acesso à Libras.

Conceptualização, léxico e produção de novos sinais

A ampliação lexical oferece um campo privilegiado para observar conceptualização em funcionamento. Quando uma comunidade necessita nomear novos lugares, objetos, instituições ou práticas, diferentes propriedades do referente podem ser selecionadas como base para a criação de um sinal. Carneiro (2016, p. 104-119) mostra que experiência corporal e input visual tiveram papel relevante na formação de novos sinais em uma comunidade surda. A criação não ocorreu de maneira individual e automática: propostas eram apresentadas, comparadas e validadas coletivamente, revelando uma dinâmica em que percepção, categorização e convenção social se articulam.

Esse processo confirma que a iconicidade lexical não é uma equivalência natural entre objeto e sinal. O mesmo referente pode oferecer múltiplas propriedades visuais possíveis, e diferentes comunidades podem selecionar traços distintos. A conceptualização

envolve um recorte: certos aspectos tornam-se salientes e são integrados aos parâmetros da língua. Por isso, a forma icônica é simultaneamente motivada e convencionalizada. O papel da comunidade é central para transformar uma possibilidade perceptual em unidade reconhecida no sistema linguístico (Carneiro, 2016, p. 113-117).

Costa (2023, p. 88-106) aborda questão semelhante pelo ângulo fonológico. Ao descrever configurações de mãos associadas a demandas icônico-lexicais, o autor evidencia que o sistema pode ampliar seus recursos de expressão sem perder organização linguística. A emergência de uma configuração específica para determinado item não significa ausência de regras; ao contrário, ela ocorre dentro de um inventário fonológico e de padrões de combinação reconhecíveis. A inovação lexical mostra a capacidade da língua de responder às necessidades comunicativas de seus usuários e, simultaneamente, manter relações sistemáticas entre forma e contraste.

A conceptualização do tempo analisada por Sessa e Bernardo (2022, p. 183-198) acrescenta uma dimensão histórica. Ao comparar registros produzidos entre 1875 e 2011, as autoras identificam mudanças na realização dos sinais e permanências em metáforas subjacentes. Essa distinção entre forma histórica e padrão conceptual é importante: uma língua muda, seus sinais podem variar e seus

registros podem ser reorganizados, mas determinados esquemas podem continuar disponíveis porque se apoiam em experiências recorrentes e em convenções compartilhadas.

Construção de sentidos em práticas bilíngues e discursivas

A conceptualização também se manifesta quando sujeitos surdos transitam entre Libras e português escrito. Costa, Vargas e Souza (2022, p. 1-2) analisam mensagens de surdos adultos bilíngues no WhatsApp e verificam que, mesmo quando certas estruturas se afastam da norma-padrão do português, os textos organizam sentidos e expressam compreensões de mundo. O resultado desloca o foco de uma leitura exclusivamente corretiva da escrita para a análise das estratégias de significação usadas pelos participantes.

Os autores mostram ainda que recursos multimodais, como vídeos em Libras, podem ser mobilizados para completar ou esclarecer informações durante a interação (Costa; Vargas; Souza, 2022, p. 7-9). Esse comportamento é relevante para a discussão de conceptualização porque evidencia que os sujeitos coordenam repertórios distintos conforme as demandas comunicativas. A construção de sentido não se limita ao código escrito: pode integrar língua de sinais, escrita, imagens e conhecimentos situacionais, compondo práticas discursivas bilíngues e multimodais.

No campo educacional, Nunes (2018, p. 152-162) sugere que o ensino de português como segunda língua pode beneficiar-se de uma mediação que parta da Libras e explicita processos cognitivos. A autora mostra que a compreensão de metáforas na língua de sinais pode criar condições para discutir expressões metafóricas no português. Esse caminho respeita a diferença entre as línguas e evita tratar o português como medida exclusiva de pensamento. A língua de sinais atua como espaço de elaboração conceptual e não apenas como ferramenta auxiliar de tradução.

Souza (2018, p. 217-229) chega à conclusão compatível ao enfatizar a necessidade de explorar experiências e conhecimentos dos estudantes. O desenvolvimento de conceitos em português L2 torna-se mais consistente quando o ensino não parte de definições descontextualizadas, mas de problemas, enunciados e situações de interação. A conceptualização bilíngue, desse modo, envolve estabelecer relações entre repertórios sem pressupor equivalência estrutural perfeita entre as línguas.

Cognição, corpo, cultura e Libras: uma síntese interpretativa

A síntese dos estudos permite propor que a conceptualização em sujeitos surdos usuários de Libras seja compreendida a partir de quatro dimensões interdependentes. A primeira é cognitiva: conceitos, domínios, frames, espaços mentais, metáforas e metonímias

participam da construção do significado (Santos, 2017; Sessa; Bernardo, 2021). A segunda é corporificada: percepção, movimento, orientação e experiência sensório-motora fornecem padrões que podem estruturar esquemas imagéticos e categorias (Carneiro, 2016; Sessa; Bernardo, 2022). A terceira é cultural: convenções e conhecimentos compartilhados interferem na seleção e interpretação das formas (NUNES; BERNARDO, 2018). A quarta é discursivo-interacional: os sentidos dependem do contexto, dos interlocutores e das práticas sociais (Souza, 2018; Costa; Vargas; Souza, 2022).

A análise também demonstra que a modalidade visuoespacial não deve ser confundida com transparência plena. Nunes e Bernardo (2018, p. 114) observam que a construção do significado exige compreender a realidade cultural na qual a língua é produzida. Jeremias (2018, p. 56) mostra que a iconicidade pode variar conforme organização sintática e foco discursivo. Costa (2023, p. 95-97) lembra que sinais visualmente motivados continuam pertencendo a sistemas linguísticos particulares. Em conjunto, esses dados mostram que a visualidade constitui uma condição de produção e percepção, mas não elimina abstração, arbitrariedade, polissemia ou necessidade de interpretação.

A noção de corporificação, por sua vez, impede separar rigidamente pensamento e experiência. O corpo participa das práticas linguísticas tanto por possibilitar percepção e ação quanto por

funcionar como espaço de sinalização. Nos sinais de emoção analisados por Sessa e Bernardo (2021, p. 189-197), partes do corpo e expressões não manuais integram projeções metonímicas. Nos estudos de Nunes (2019, p. 29-37), orientação e movimento relacionam-se a esquemas imagéticos. Em Florêncio e Milani (2022, p. 20-41), o corpo participa de relações semióticas que estruturam um texto poético. Assim, a corporificação aparece em níveis fonológicos, lexicais, semânticos, discursivos e estéticos.

Por fim, a formação de conceitos em contextos educativos evidencia que o acesso a uma língua plenamente funcional para o estudante é condição relevante para que relações de sentido possam ser exploradas. Os estudos de Nunes (2018) e Souza (2018) não apresentam a visualidade como recurso compensatório, mas como componente de práticas de ensino que reconhecem a língua e os repertórios dos estudantes. O trabalho com metáforas, conceitos e textos mostra que a aprendizagem se fortalece quando o sujeito pode comparar, questionar, sinalizar, argumentar e reconstruir significados. A conceptualização, nesse quadro, é simultaneamente cognitiva e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo analisou processos de conceptualização em sujeitos surdos a partir de estudos que articulam Linguística Cognitiva, Libras,

corporificação, iconicidade, metáfora, metonímia, esquemas imagéticos, formação de conceitos e práticas bilíngues. A revisão permitiu compreender a conceptualização como atividade dinâmica de construção de significado, constituída na relação entre cognição, experiência corporal, percepção, cultura, contexto e interação. Tal perspectiva afasta explicações que tratem o sentido como conteúdo fixo ou como correspondência automática entre um sinal e um referente.

No âmbito da Libras, a modalidade visuoespacial evidencia de maneira particularmente produtiva a participação do corpo e do espaço nos processos linguístico-cognitivos. Configurações de mãos, pontos de articulação, movimentos, orientações e expressões não manuais podem integrar formas simbólicas e participar, em diferentes graus, de relações motivadas com o significado. Entretanto, os estudos de Santos (2017), Jeremias (2018), Carneiro (2016), Sessa e Bernardo (2021) e Costa (2023) mostram que iconicidade não equivale a transparência natural. A forma é interpretada a partir de conhecimentos conceptuais, culturais e linguísticos e permanece submetida à convencionalidade da comunidade usuária.

A corporificação revelou-se outro eixo central. As experiências sensório-motoras fornecem padrões para esquemas imagéticos que podem estruturar conceitos e metáforas, mas esses padrões são atualizados em contextos culturais e discursivos. Por isso, o corpo não

deve ser concebido como causa isolada do sentido. Na Libras, ele atua simultaneamente como organismo que percebe e age, como referência espacial e como componente da produção linguística. Essa articulação aparece na conceptualização do tempo, em adjetivos de emoção, na poesia sinalizada e na formação de novos sinais.

As análises de Nunes (2018) e Souza (2018) demonstram ainda que a formação de conceitos por estudantes surdos se beneficia de práticas que valorizam Libras, experiências prévias, interação e recursos visuais linguisticamente organizados. Conceitos abstratos podem ser trabalhados por comparação de domínios, problematização de sentidos e exploração de enunciados concretos. O estudante surdo, nessa perspectiva, ocupa posição de sujeito conceptualizador, capaz de elaborar hipóteses, negociar interpretações e construir relações entre diferentes repertórios linguísticos.

Conclui-se, portanto, que os processos de conceptualização em sujeitos surdos devem ser compreendidos como fenômenos linguisticamente mediados, corporificados, visuais, culturais e interacionais. A Libras constitui espaço de organização do conhecimento, produção de abstrações, categorização da experiência e criação de sentidos. Como desdobramento, pesquisas futuras podem ampliar análises com dados de interação espontânea em Libras, comparar diferentes comunidades e faixas etárias, investigar variação regional e observar como metáforas, esquemas imagéticos e

iconicidade funcionam em gêneros acadêmicos, escolares, literários e digitais. No campo educacional, os resultados reforçam a importância de práticas bilíngues que partam da Libras e reconheçam os sujeitos surdos como produtores de conhecimento e de linguagem.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, Bruno Gonçalves. Ampliação lexical da língua de sinais brasileira: aspectos icônicos. **Revista Leitura**, Maceió, v. 1, n. 57, p. 104-119, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/2840>. Acesso em: 10 jul. 2026.

COSTA, Daniel Ferreira. Aspectos fonológicos da Libras: a influência da iconicidade na geração de novas configurações de mãos. **Revista SCIAS Língua de Sinais**, Belo Horizonte, v. 2, n. 2, p. 88-106, jul./dez. 2023. DOI: <https://doi.org/10.36704/sciasls.v2i2.8275>. Disponível em: <https://revista.uemg.br/index.php/sciasls/article/view/8275>. Acesso em: 15 jul. 2026.

COSTA, Lucas Vargas Machado da; VARGAS, Vivian Gonçalves Louro; SOUZA, Shelton Lima de. Textos escritos por surdos em mensagens no aplicativo WhatsApp: organização de sentidos e perspectivas de ensino de português escrito como segunda língua. **Revista Sinalizar**, Goiânia, v. 7, e74169, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/rs.v7.74169>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/74169>. Acesso em: 22 jul. 2026.

FLORÊNCIO, Suelismar Mariano; MILANI, Sebastião Elias. Semiose do corpo: bases semióticas de esquemas imagéticos em Libras. **Revista Linguística Rio**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 20-41, mar./jun. 2022. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/items/b57224e3-2980-45c9-ad52-4a68ba41ca06>. Acesso em: 28 jul. 2026.

JEREMIAS, Daiana do Amaral. Iconicidade em sentenças transitivas diretas da Libras: uma motivação formal e conceptual. **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 8, n. 18, p. 39-57, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/19061>. Acesso em: 31 jul. 2026.

LANGACKER, Ronald W. Cognitive grammar: a basic introduction. New York: **Oxford University Press**, 2008.

NUNES, Valeria Fernandes. Processo de ensino-aprendizagem de português e de Libras: teoria da metáfora conceptual. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 12, n. 23, p. 152-162, 2018. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/23177>. Acesso em: 1 set. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes. Parâmetro Orientação em Libras: investigando metáforas e esquemas imagéticos. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 44, n. 79, p. 29-37, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.17058/signo.v44i79.12832>. Disponível em: <https://seer.unisc.br/index.php/signo/article/view/12832>. Acesso em: 2 set. 2026.

NUNES, Valeria Fernandes; BERNARDO, Sandra Pereira. Relações culturais e sinais religiosos em Libras: estudo de metáforas e de metonímias. **Linguagem em Foco**, Fortaleza, v. 10, n. 2, p. 113-124, 2018. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/linguagememfoco/article/view/1110>. Acesso em: 3 set. 2026.

SANTOS, Cristian. Ícones metaforizados e iconicidade em Libras. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 2, p. 419-437, 2017. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v59i2.8648382>.

Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648382>. Acesso em: 4 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Sinais adjetivos da Libras em uma abordagem cognitiva.

Revista (Con)Textos Linguísticos, Vitória, v. 15, n. 32, p. 180-200, 2021. DOI: <https://doi.org/10.47456/cl.v15i32.35890>. Disponível em: <https://www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/35890>. Acesso em: 5 set. 2026.

SESSA, Glênia Aguiar Belarmino da Silva; BERNARDO, Sandra Pereira. Conceptualização de sinais para tempo na Libras: metáfora e instrumentos linguísticos. **Revista do GELNE**, Natal, v. 24, n. 2, p. 183-198, 2022. DOI: <https://doi.org/10.21680/1517-7874.2022v24n2ID29946>. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/29946>. Acesso em: 6 set. 2026.

SOUZA, Sebastiana Almeida. Formação e aquisição de conceitos no processo de aprendizagem de língua portuguesa para surdos como L2, uma necessidade. **Revista Diálogos (RevDia)**, Cuiabá, v. 6, n. 3, p. 217-229, 2018. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/revdia/article/view/Souza>. Acesso em: 7 set. 2026.